



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

AS DUAS FIGUEIRAS

■ ■ ■ POR LAURA CHAVES ■ ■ ■

Ao chegar o mês de Julho, a figueira do pascigo, impava cheia de orgulho, porque tinha tanto figo que era uma coisa falada no reino da passarada.

A troça que ela fazia duma pequena figueira que junto dela vivia; tão fraquinha, tão rasteira, que até mesmo sem arrimo, qualquer lhe chegava ao cimo.

Tinha uns míseros figuinhos, mal nascidos, mal cuidados, destes muito sériozinhos que nunca riem, coitados! Por isso, a sua fraqueza, aos bons causava tristeza.



Na outra, na grande, ao lado, cada fôlha era um abrigo onde, gordo, alegre e inchado, morava um menino figo que, abrindo bocas vermelhas, ria, chamando as abelhas.

Pois tôdas as madrugadas aumentava essa alegria... Eram novas gargalhadas em cada figo que abria! Então, a tola figueira dizia à outra, à rasteira:

— Vejam se alguém faz idea de haver neste mundo um ente como tu, pobre e tão feia! Tão fraquinha, tão doente! Se o demónio te levasse! És a vergonha da classe!

Os teus figos são pequenos, os meus, são lindos, reais! Tu, cada vez vives menos, eu, cada vez vivo mais! E' contrária a nossa sorte, eu sou vida e tu és morte!—

A triste, ouvindo-a, pensava: — Ai, se igual a mim tu fosses! — e caladinha, chorava lágrimas de mel, tão doces, que, com dó, os passarinhos as colhiam nos biquinhos.



Depois disto, a doentinha, cheia de melancolia, põe-se sequinha, sequinha, e morreu no mesmo dia em que a outra, a má a bruta vergando ao peso da fruta,

dos figos que ela criou à sombra do seu orgulho não pode mais, e, quebrou, fazendo enorme barulho, e em tremenda convulsão foi cair morta no chão.

Que este conceito se tome tal qual é, verdade dura! Tanto faz morrer de fome como morrer de fartura. Nesta Vida, o que é preciso, é ser bom e ter juízo, porque com ou sem larica todos marcham, ninguém fica.

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

O MENINO MEXELHÃO

Por GRACIETTE BRANCO

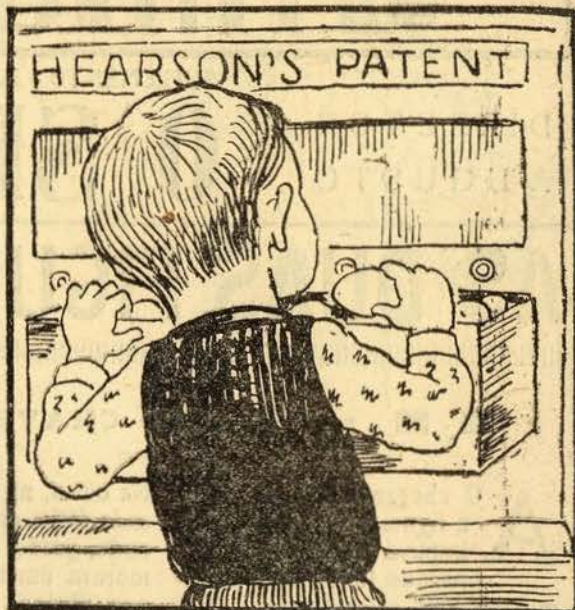
TODOS os dias, o Tonecas era ásperamente repreendido pelo feio hábito de, em tudo, mexer, dando, assim, a impressão de ter os olhos nas pontinhas dos dedos.

Em tão pequeno cérebro nunca se vira imaginação tão fértil mas, infelizmente, sempre posta ao serviço de disparatadas idéas, que faziam tremer as pessoas da casa. O Tonecas levava as horas do dia a magicar no que havia de remexer, no que havia de profundar, de investigar, de agir... E o resultado como é de prever, era, fatalmente, desastroso.

Um dia meteu-se-lhe em cabeça que havia de entrar no mistério da chocadeira artificial, e zás! enterra as mãos gorduchas no oceano de ovos, meticulosamente dispostos, tirando-os, em seguida, para fora, com uma alegria e prazer indiscretos! O resultado está a adivinhar-se: esmigalhou-os todos, ficando com as mãos a pingar de clara e gema.

Por outra vez — e esta foi, talvez de todas, a mais perigosa e emocionante aventura da vida de Tonecas — estava ele, na companhia da Miss, na estação do Rossio, aguardando o comboio que o levaria às doiradas e frescas paragens de Sintra. Ora como o Tonecas não podia estar muito tempo sem fazer qualquer coisa e, precisamente, qualquer asneira, logo começou magicando em que havia de empregar as horas que faltavam para a sua partida. A Miss havia-se afastado um pouco em alegre conversa com duas esguias e excêntricas compatriotas e o Tonecas, vagarosamente, foi-se aproximando do comboio que, já na estação, aguardava a entrada de passageiros.

Porém, o Tonecas não se dirigia às carrua-



gens, mas sim à pequena cabine destinada ao maquinista do elegante comboio.

Por felicidade para o Tonecas, a porta encontrava-se, apenas, encostada e, num instante, ele se viu em frente dos diversos e complicados manipuladores que, a um impulso seu, rapidamente poriam o comboio em marcha.

Pelo cérebro de Tonecas, subitamente, passou uma idéia deslumbrante: — o comboio marchando, guiado pelo seu pulso, obedecendo ao seu comando!

Já os passageiros enchiam as carruagens, aguardando a partida, quando, de repente, o comboio, deslocando-se, começou a andar em vagaroso andamento.

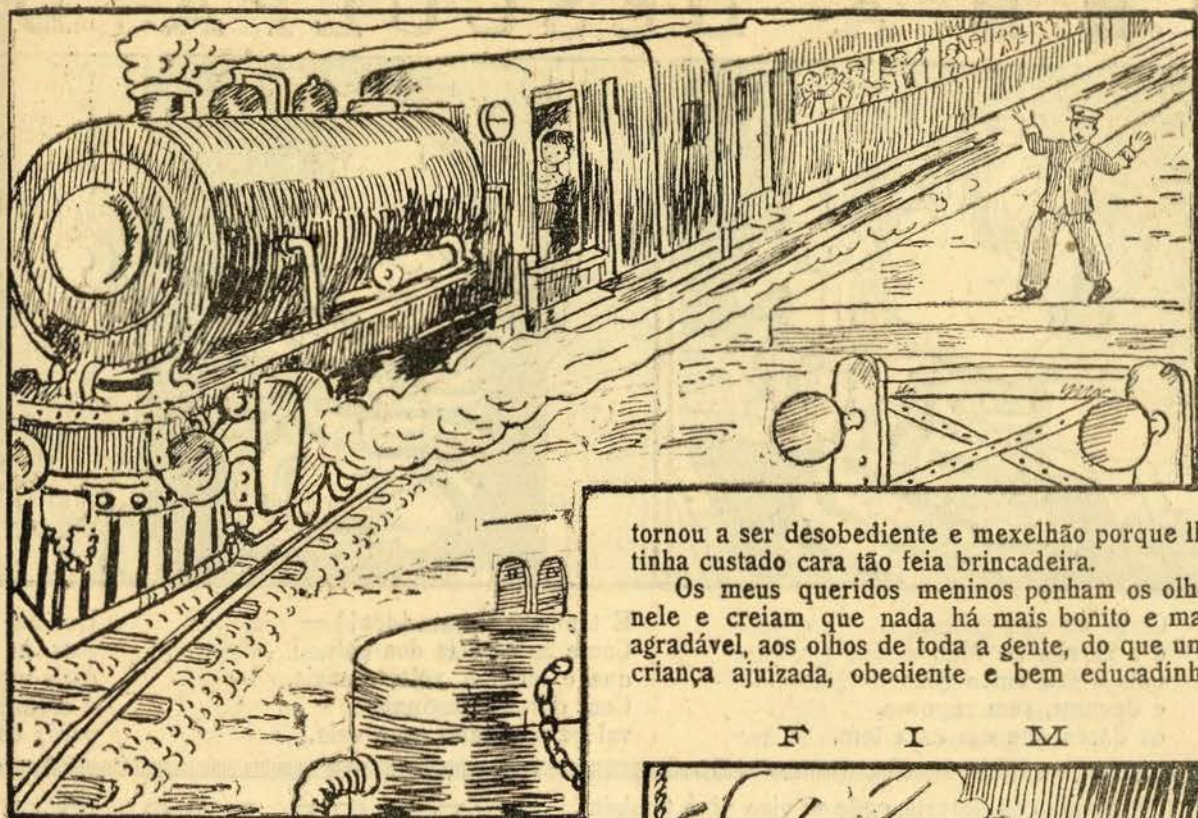
Não pode descrever-se o pânico do pessoal da estação, sobretudo do maquinista, que, irreflexivamente, deixara aberta a porta da cabine!

A's janelas das carruagens assomaram os rostos surpresos e aflitos dos passageiros, quando, num salto arrojadíssimo, o maquinista alcançou a porta que dava acesso à cabine, indo surpreender, no mais feliz momento da sua vida, o endiabrado Tonecas! Afastando-o num gesto rápido, da sua perigosa função, o pobre homem fez parar o comboio, caindo, extenuado, sobre um banco e olhando, raivosamente, o pequeno, que tão mau bocado lhe fizera passar.

Gritando, loucamente, a Miss entrou, correndo, e levando, por um braço, o Tonecas, que, já atordoado e um pouco consciente da feia e perigosa acção que praticara, pediu, em voz baixa, desculpa, à esgrouvada inglesa.

Na gare, grande numero de pessoas repreendeu duramente o Tonecas, o qual, profunda-





tornou a ser desobediente e mexelhão porque lhe tinha custado cara tão feia brincadeira.

Os meus queridos meninos ponham os olhos nele e creiam que nada há mais bonito e mais agradável, aos olhos de toda a gente, do que uma criança ajuizada, obediente e bem educadinha.

F I M

mente envergonhado e arrependido, quizera desaparecer das vistas de todos.

Muito tempo perdurou no espírito de Tonecas, a impressão desagradável desta aventura, que poderia ter custado a vida a muita gente.

Porém, passado algum tempo, deu-se um outro caso na sua vida acidentada que determinou a eficaz mudança no seu modo de ser.

Havia em sua casa, um interruptor de electricidade, que estava avariado, com as porcelanas caídas e em evidente perigo de choque. Já, por vezes, o Tonecas havia sido avisado para que não lhe mexesse, porque o choque seria inevitável e bastante forte. O Tonecas não fez caso e, de repente, um grande berreiro, um alarido medonho, os pais e a criadagem a correr, e o nosso Tonecas, num banho de lágrimas, com os deditos adormecidos e o braço todo a tremer.

O caso é que, desde então, o Tonecas não



O nosso concurso: — Uma Vila completa

Conforme anunciámos, damos hoje a lista dos prémios relativos ao nosso original concurso: — Uma Vila completa, cujo prazo para recepção de provas fotográficas termina, irrevogavelmente, no próximo dia 20.

1.º PRÉMIO

Se o concorrente for uma menina
Uma linda boneca

Se o concorrente for rapaz

Um grande cavalo de pasta

2.º PRÉMIO — Uma máquina fotográfica.

3.º PRÉMIO — Um serviço para chá, em folha, ou uma caixa com soldados

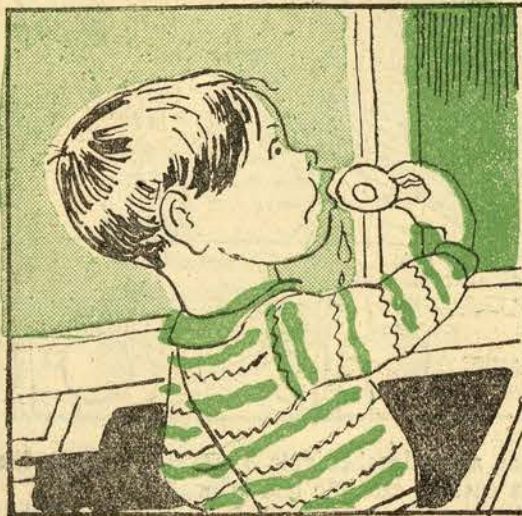
conforme o concorrente for menina ou rapaz,

4.º PRÉMIO — Um lindo jogo infantil

5.º PRÉMIO — Uma colecção de livros infantis

6.º PRÉMIO — Outra colecção de livros infantis,

A DESCULPA DO MENINO GULOSO



Certo menino guloso é a arrelia da Mãe, pois o seu único gozo é devorar, sem repouso, os doces que em casa tem.



E tantos — (façam idéa!) — Come às ocultas dos pais, que o menino, volta e meia, Com dôres intestinais, vai para a cama sem ceia.



Um dia a mamã rangou-se, pois, às ocultas dos pais, mais uma vez lambuzou-se, e assim ralhou: — Nunca mais porás os olhos num doce!



Porém, noutra ocasião, vendo um prato com pastéis, o tal menino glutão come nem menos que seis e apanha uma indigestão.



«Eu não te disse, mofo, que não devias nem vê-los?!...» — torna a mãe. Volve o menino: — «Pois disse; mas, ao comê-los, fechei os olhos. Sou fino!»

No carvalho da floresta, onde eu vivo, vive, também, um irrequieto passarinho, conhecido pelo melharuco maluco.

Sempre aos saltinhos, aos pulinhos, tem assistido às várias peripécias sucedidas com os animais da bicha dos bichos.

Ora uma manhã, saiu-se com esta:

— Senhor Anão, eu não pretendo piar nenhuma palavrinha, nem contra nem a favor da minha posição; o que eu queria, e nisso fazia um grande filé, era que o amigo Anão pintasse o meu retrato, para os meninos



O RETRATO DO MELHARUCO MALUCO

Por ANÃO SABICHÃO

me admirarem! Com certeza, vou fazer um vistão no «Pim-Pam-Pum».

— Se estiveres com juízo, farei a diligência de satisfazer a tua pretensão! Precisamos um fundo bonito para o quadro... e comecei a colocar o melharuco maluco num ramo de folhagem escura, que o sol doirava.

— O conjunto, assim, é, na verdade, encantador! Tenta o pincel dum artista! A tua plumagem é dum lindo azulado! O melharuco maluco começou a alisar as penas, a dar ao rabinho, todo presumido e a balouçar-se no ramo.

— Tens de estar quieto! — disse-lhe eu, começando a desenhar.

— Está bem! — respondeu o passarinho, agitando e voltando a cabecinha, constantemente.

— E deves conservar uma expressão alegre. Não podes pensar em qualquer cousa divertida?

— Cá estou pensando numa cousa deliciosa. Posso mesmo vê-la agora! — gritou o melharuco maluco muito influído. E' um mosquitinho que está naquele bogalho. Se parares um minuto, posso até apanhá-lo.

E, sem esperar pelo meu consentimento, voou para o outro lado do carvalho. Trepou por um ramo acima, com o bico agarrou no mosquito e engoliu-o.

Quando voltou, vinha com as penas todas eriçadas.

— Assim, não te posso pintar, meu figurão! — resmunguei, mal humorado.

— Primeiro, torna a alisar as penas!...

— E' um instantinho!... E' um instantinho!... E desatou a alisar outra vez as peninhas e tornou a pôr a cabecinha ao lado, numa linda atitude.

Mas, nisto, quando eu, já de lápis em punho, recommenceava o desenho, dou com ele pendurado pelos pés, e de cabeça para baixo.

— Então isso é posição para um retrato? — resmunguei, exaltado.

O melharuco maluco, pôs-se logo de pé.

— Pronto, amigo Anão! Sabes porque dei esta cambalhota? Calcula tu, que está, ali, em baixo, uma borboleta que me faz fosquinhas! Olha, lá vem ela, agora, para cima! Podes muito bem esperar um minuto, enquanto eu vou ver se a alcanço.

E, alvorçado, fugiu, outra vez, saltitando de tronco em tronco.

Mas a borboleta é que não se deixou agarrar com facilidade.

Viu o melharuco maluco a distância, e começou a esquivar-se com tanta habilidade, que consegui sempre safar-se a tempo.

Na fúria daquela perseguição, o melharuco maluco, com os pézinhos irrequietos, ia arrancando folhas tenri-

nhas dos ramos, bogalhos e hastes dos troncos; deu cabo de lindas teias de aranha que espalhavam a sua rede entre a ramaria, e, por fim, num vôo desastrado, caiu sobre a tela do seu retrato e furou-a, de lado a lado!

Enquanto o melharuco maluco olhava, desolado, os estragos que produzira e a borboleta já pousara numa árvore muito afastada, eu desatei a rir da maluquice do passarinho que esperara fazer um vistão e só fizera uma bem triste figura!

F I M



O CESTINHO da COSTURA

Queridas Abelhinhas:

Outro modelo para o enxoval da boneca!

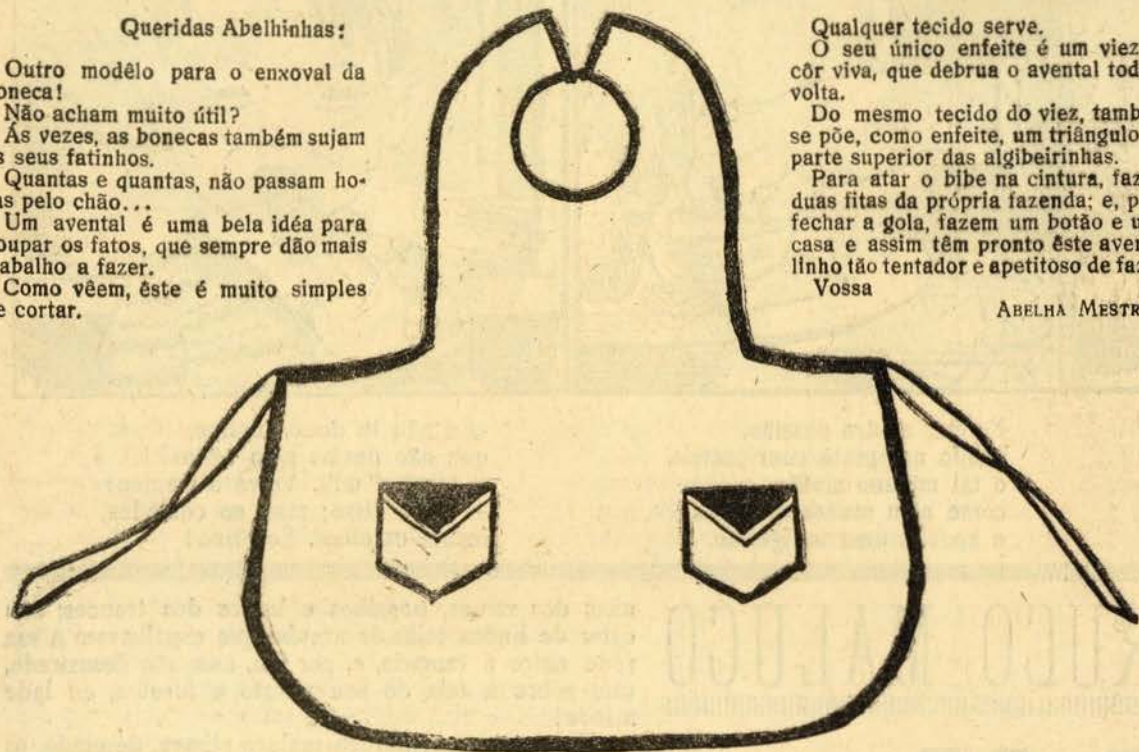
Não acham muito útil?

Às vezes, as bonecas também sujaram os seus fatinhos.

Quantas e quantas, não passam horas pelo chão...

Um avental é uma bela idéia para poupar os fatos, que sempre dão mais trabalho a fazer.

Como vêm, este é muito simples de cortar.



Qualquer tecido serve. O seu único enfeite é um vizez de cor viva, que debrua o avental todo à volta.

Do mesmo tecido do vizez, também se põe, como enfeite, um triângulo na parte superior das algibeirinhas.

Para atar o bíbe na cintura, fazem duas fitas da própria fazenda; e, para fechar a gola, fazem um botão e uma casa e assim têm pronto este aventalinho tão tentador e apetitoso de fazer.

Vossa

ABELHA MESTRA

ENGENHOCAS

Por AMÉRICO TABORDA

UMA MAQUINA A VAPOR

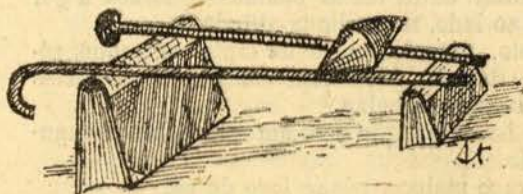
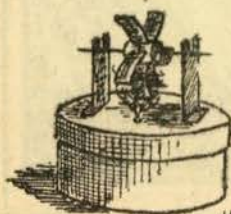
Meus meninos:

Vou-lhes hoje ensinar como se faz uma máquina a vapor, muito simples e prática, que poderão adaptar a qualquer outro engenho.

Numa caixinha de lata, de graxa por exemplo, abre-se um pequeno orifício na parte superior. Verticalmente deve dispôr-se um moíno constituído por seis asas de cartão, uma rolha e um arame que lhe servirá de eixo, o qual se apoia a dois suportes, que podem ser de fôlha, soldados à tampa da caixa, como indica a gravura.

Pratica-se novamente outro furo, também na tampa, mas maior e oposto ao primeiro, pelo qual se enche a caixa de água quente. Depois é só tapar herméticamente este último buraco aberto e levar o engenho ao lume, o que faz ferver a água imediatamente. O vapor produzido, escapando-se pelo outro buraco, virá pôr em movimento o curioso moíno.

Por hoje fiquemos por aqui, mas breve lhes ensinarei outras curiosas experiências e engenhocas que muito os deverão divertir.



UM «ASCENSOR» PRÁTICO

Proponham aos vossos amiguinhos se serão capazes de fazer subir por um plano inclinado, sem auxílio de força exterior ou qualquer atracção, um determinado objecto, por vocês indicado, e que não é mais do que um duplo-cone, ou sejam dois cones iguais ligados pela base.

Para isto basta colocar duas bengalas sobre dois objectos de altura desigual, que podem ser dois livros, mas afastadas gradualmente uma da outra, formando um ângulo agudo.

Colocando o duplo cone na parte inferior do plano e deixando-o livre, vê-se este trepar até ao seu ponto culminante.

Qualquer de vocês há-de julgar, a princípio, que aquela marcha é uma contradição às leis físicas do peso, contudo, observando melhor, nota-se perfeitamente que o centro de gravidade situado no eixo do sólido está cada vez mais baixo, consoante o andamento; em virtude do progressivo afastamento das bengalas.

CONCURSO DE CHARADAS

PARA OS MENINOS COLORIREM

POR AMÉRICO TABORDA

DECIFRADORES

Classificação geral por pontos decifrados

CAMPIÕES «EX AEQUO»

Aujocarfer, Dália de Jesus, Fernandes, Zé Guinoro... 87 (totalidade).

SUB-CAMPIÃO

Zeuzinho 86

Prêmios — Publicação da fotografia no Quadro de Honra e outros a mencionar.

Nota — O prémio que, além da publicação da fotografia, era destinado ao primeiro classificado, tem de ser sorteado em virtude de haver mais do que um campeão.

DECIFRADORES DE MAIS DE 50%

(Exceptuando os já mencionados)

Zé Gaspar, 85; Lilicas, 79; Barba Azul, Dois Manos, Noémia, 78; Um decifrador, 76; Ariêvilo, 74; Béu, Lucas, 72; Romualdo Teles Santos, 68; Zeca 61; Afredo Matos, 54; António Freire, Chalet d'Ossos, 51.

Prémio — Publicação da fotografia no Quadro de Honra.



OUTROS DECIFRADORES

(Com menos de 50%)

Zé Quitolas, 40; J. Atirbac, 35; Zarb, 30; Efi, 28; Maria do Mar, 25; Fernando R. Cunha, 22; Rei da Graxa, Sir Mistério, 21; John Biffe, 19; Otavarg, Sobrac Sier, 18; John Biffe, 19; D. Rufa, Maria Dulce Cabral, 15; Abílio, El Estudiente, Leonel F. Pias, Sir Fantasma, Zé Domba, 10; Kin-Fo, 8; Fanforrinha, Mister X, 7; Fono, 6; Afonso L. Portugal, 4; Artur Melo Cabral Manoel José F. Rocha, Um apologista d'«O Século», 3.

Nota — Por lapso, não incluímos no Quadro de Honra, referente aos resultados do n.º 12, a concorrente Dália de Jesus. Contudo esse número foi-lhe contado, como se pode verificar, na classificação final.

AVISO

Todos os concorrentes que tenham direito à publicação da fotografia, devem enviá-la, o mais depressa possível, para podermos proceder muito breve, à realização e publicação do Quadro de Honra.

A D I V I N H A



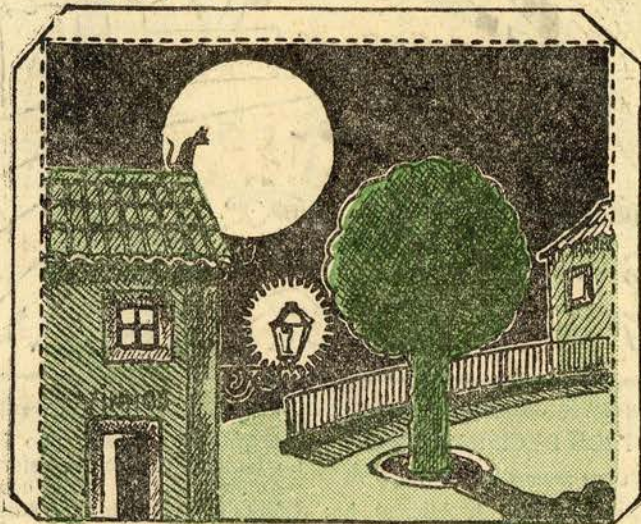
Querem saber porque foge este menino? Unam as duas series de pontos numerados, tracejando-os pela respectiva ordem

TEATRO do ROBERTOS

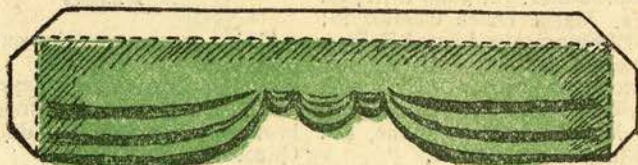


- 2ª folha -

FUNDO



CORTINAS



COMO FICAM
DISPOSTAS
ESTAS
PEÇAS



« PERSONAGENS »

COLAA ESTAS
FIGURAS EM
CAARTÃO
GROSSO.



ANÃO SA-
BICHÃO
QUE ANUNCIA
OS NÚMEROS

← PARTE POR
ONDE SE PEGA



POR NOS FALTAR
ESPACO SOMEN-
TE PUBLICAMOS
ESTES «PERSONA-
GENS» CONTUDO
OS NOSSOS LEITO-
RES PODERAO AD-
QUITAR OUTROS
COM QUE FARÁBATE
PEQUENAS REPRE-
SENTAÇÕES.

